

# Combate à repetência

Silvia Barros

Um dado assusta pais, alunos e professores das escolas públicas do Distrito Federal. De cada cinco estudantes, pelo menos um será reprovado este ano (20% dos 515 mil alunos, ou seja, 103 mil repetentes). Levando em consideração apenas o Ensino Fundamental, as estatísticas são piores: um em cada três não vai passar. Os números são da Secretaria de Educação, que admite rever o atual sistema de combate à repetência e evasão escolar. Nas escolas brasileiras, 10% dos alunos abandonam a sala de aula todos os anos.

Atualmente, o GDF utiliza um programa desenvolvido pelo Governo Federal, que prevê turmas de aceleração para proporcionar aos alunos repetentes a possibilidade de recuperar os anos perdidos. O programa consiste em unir, numa mesma sala, estudantes reprovados mais de uma vez. As turmas são formadas por adolescentes de 12 a 17 anos. A proposta, entretanto,

não tem aceitação unânime entre especialistas e professores.

Uma professora, do Centro de Ensino 17, de Taguatinga Norte, que não quis ser identificada, explica que os docentes não estão preparados para lidar com esses alunos. "A maioria é problemática. Não quer estudar e, nesses casos, a turma de aceleração não ajuda em nada", opina. Para a educadora, seriam necessárias políticas de ensino mais eficazes, como cursos de capacitação para professores, incentivos aos alunos, como lazer, esporte e oficinas, além de uma avaliação mensal do conteúdo ensinado. "Os garotos simplesmente são jogados em qualquer sala, não recebem apoio e ficam ainda mais desanimados com os estudos", afirma.

O sociólogo e professor da Universidade de Brasília (UnB) Antônio Flávio Testa concorda e vai além. De acordo com ele, o ideal seria que os alunos atrasados fossem identificados e enturmados em classes de aceleração com no máximo 25 pessoas. No entanto, muitos pro-

fessores denunciam que as turmas chegam a ter até 35 alunos.

Testa acredita que os estudantes precisam estar adequadamente alfabetizados, ser capazes de ler e compreender todo o conteúdo com clareza. Caso contrário, devem ser matriculados em programas de alfabetização. E, por fim, segundo ele, os professores devem aderir ao programa de forma voluntária. "Muitos trabalham com essas turmas contra a própria vontade, porque não há outro jeito", analisa.

## ■ "Gente grande"

Os irmãos Gustavo, nove anos, e Guilherme dos Santos Ferreira, 12, já foram reprovados. A mãe dos meninos conta que não tem condições de pagar aulas particulares para os filhos. Por isso, a irmã mais velha fica responsável por ensinar o que eles não entendem na sala de aula. Os garotos aproveitam a ausência dos pais, que saem para trabalhar, para jogar futebol na rua. "Não gosto de estudar. Prefiro brincar de bola e

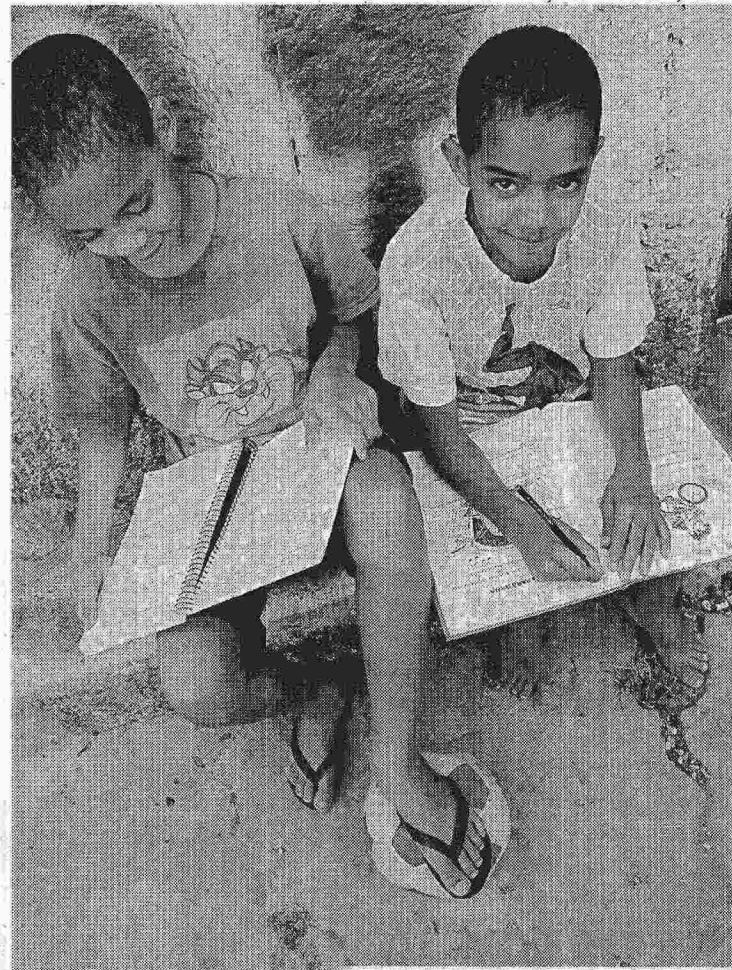
ficar no computador", afirma Gustavo. Guilherme não pensa diferente. "Acho a escola chata e tem muita gente grande na minha sala. Eu chego a bater na cintura de alguns", reclama.

## ■ Constatação

A reclamação de Guilherme foi constatada pela reportagem do **Jornal de Brasília**. Das escolas visitadas, a maioria apresenta disparidades na faixa etária dos alunos. "Há alunos de 13 anos estudando com meninos de 16, 17", relata Ana Flávia de Almeida, professora de Taguatinga. Ela diz que tem pai que chega desesperado, tentando trocar o filho de turma. "Não tem jeito. Todas são assim", lamenta.

A Secretaria de Educação admite que não tem como separar todos os alunos por faixa etária. Mas garante que todo ano tenta equilibrar as turmas de acordo com a idade. "Tem dois anos que o meu filho de 13 anos estuda com meninos bem mais velhos. Tenho medo e acredito que isso não seja certo", reclama Carlos Figueira, pai de aluno.

JOSEMAR GONÇALVES



■ OS IRMÃOS GUILHERME E GUSTAVO JÁ FORAM REPROVADOS